

O CONCEITO DE CLASSE SOCIAL: As contribuições de Marx e Thompson

Messias Araujo Cardozo¹

Resumo

O artigo analisa o conceito de classe na sua acepção teórica em Karl Marx (1818-1883) e Edward Thompson (1924-1993), no sentido de perceber as variantes conceituais e assim apontar as possibilidades do uso historiográfico do conceito. Abordo o conceito fazendo uma análise bibliográfica e uma incursão sobre textos de autores que versam sobre o tema, buscando escapar de dicotomias generalizantes e análises apressadas sobre o tratamento do conceito de classe efetuado pelos dois autores citados, buscando demonstrar uma evolução e refinamento, até mesmo continuidade do pensamento de Marx e Thompson sobre o conceito de classe.

Palavras-Chave: Classe, Marx, Thompson.

Abstract

The article analyzes the concept of class in its theoretical purposes in Karl Marx (1818-1883) and Edward Thompson (1924-1993), in order to perceive the conceptual variants and thus pinpoint the possibilities of historiographical use of the concept. I approach the concept by making a bibliographical analysis and an incursion about texts by authors who consist with the theme, looking for escape generalizing dichotomies and hasty analyzes about the treatment of class concept done by the two authors cited, looking for to demonstrate an evolution and refined, even continuity of Marx and Thompson's thought about the concept of social class.

Keywords: Social class, Marx, Thompson.

4

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (2016). Foi bolsista do Programa de Bolsa de iniciação à Docência, subprojeto de História (PIBID/CAPE).
E-mail: messias.histsocial@gmail.com.

“Hoje, não se trata de reativar a noção de luta de classes: ela encontra-se em toda parte, insuperável. Temos necessidade é de uma apreensão renovada da natureza da consciência de classe e de seu funcionamento”.

Fredric Jameson

Introdução

No que concerne ao conceito de classe, muito pode ser dito sobre sua vigência, pertinência e uso, não apenas para a historiografia como para o âmbito das demais ciências humanas. Neste sentido, o trabalho de Karl Marx (1818-1883) e Edward Thompson (1924-1993) sobre o conceito em questão, e um estudo das diferenças de abordagem e significado do mesmo nos autores é apenas uma possibilidade entre uma imensa miríade de questões que podem ser levantadas e do vasto leque que pode ser aberto sobre o tema.

Antes de adentrar sobre os textos dos dois autores, fazendo um balanço e contraponto, é pertinente situarmos as discussões dos autores em seus tempos. Tanto em termos de contexto social e *lugar de produção*¹ como de possibilidade epistemológica². São autores de dois séculos distintos, com influências e formações intelectuais igualmente diferentes, mas que em um ponto convergem: a sociedade está dividida em classes, tendo a classe operária ou proletariado os encargos da manutenção social.

Karl Marx, filósofo alemão, que iniciou seus estudos sobre o capitalismo quando este ainda estava em formação, é um intelectual que não se limitou a um campo específico. Apesar de filósofo de formação, foi historiador, jornalista, cientista político, sociólogo (dentre outras classificações). Sempre em movimento pelos saberes existentes e emergentes (como a sociologia e a historiografia científica) do século XIX, com uma imensa força³, o materialismo histórico criado por ele com colaboração de Friedrich Engels (1820-1895) é um dos paradigmas do campo da História.

Para Marx, o capitalismo apenas tornou mais agudo e forte os antagonismos sociais, para o mesmo a história seria um ininterrupto fluxo de luta de classes que apenas mudaram de nome e de contexto⁴. No capitalismo europeu do século XIX, o autor indicou que o antagonismo entre o proletariado (classe operária) e a burguesia (classe capitalista) seria o palco da revolução socialista, que poria fim ao conflito de classe, centro do processo histórico segundo Marx.

Já Edward Thompson, iniciando suas discussões no âmbito do século XX (mais precisamente aqui tomamos como base para esta pesquisa seus estudos sobre a formação da classe operária inglesa, publicados em 1963), historiador inglês, em um contexto de duas guerras mundiais e de uma revolução socialista na Rússia em 1917, é um autor mais circunscrito ao âmbito da historiografia,

¹ Ver: “A operação historiográfica”, In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-119.

² No caso de Marx a filosofia alemã (Hegel e Feurbach principalmente), a economia política inglesa (Adam Smith e David Ricardo) e da filosofia política e revolucionária francesa. Sobre isto ver: LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Ed. Porto Alegre, RS: LM&P, 2009.

³ “A imensa força de Marx sempre residiu em sua insistência tanto na existência da estrutura social quanto na sua historicidade, ou, em outras palavras, em sua dinâmica interna de mudança”, ver: HOBBSAWM, Eric. “O que os historiadores devem a Karl Marx?” p. 210, In: _____, **Sobre História**. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013. p. 200-220.

⁴ Sobre isto ver: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Ed. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 40.

não que o uso de seus conceitos e estudos se limite aos historiadores.

Não propôs um paradigma, porém renovou um, e neste caso foi justamente o marxismo e seu uso na análise historiográfica que, mas se beneficiou com suas pesquisas. Sem dúvida que Thompson ainda se beneficiou ainda dos avanços no campo da história, a emergência de novos conceitos e de incontáveis estudos sobre o capitalismo e a classe operária, como os de Eric Hobsbawm, Christopher Hill e Raymond Williams conjuntamente que com o seu, formam o que se convencionou chamar de “escola inglesa do marxismo”⁵.

Foi vinculado ao Partido Comunista inglês (tendo saído em 1956), foi sido professor de escolas para trabalhadores e membros da classe operária e pobre⁶. É um autor que diferente de Marx não propõe uma visão conjuntural e muito menos uma proposta definida de ação política revolucionária. Se em Marx formulação teórica e proposta de modelo social se imbricavam (como se pode ver no Manifesto Comunista de 1848) em Thompson é metodologia e teoria que se interpenetram.

Ainda neste sentido, a pesquisa de já adverte o seu caráter bastante circunscrito e incompleto, devido as incontáveis

possibilidades de estudo sobre os autores. O debate de conceituações e possibilidades do uso do conceito de classe tendo como base Marx e Thompson não se impõe como uma assertiva que almeja estabelecer uma assimetria entre os dois, “qualificando um” e “desqualificando outro”, o diálogo é apenas analítico, com vistas a entender a conceituação dos dois sobre a classe, e os desdobramentos subsequentes, sobretudo sobre a consciência de classe. Na nossa acepção, os conceitos e as teorias são apenas caixas de ferramentas⁷.

Marx: A classe entre a economia a luta e a política revolucionária

Marx ao analisar a sociedade capitalista e a classe social em particular, propôs de lado da análise social uma proposta de ação. Esta seria revolucionária e com fins de emancipação do proletariado. O capitalismo teria engendrado um sistema no qual os capitalistas ao extraírem a *mais-valia*⁸ da classe operária estariam cada vez mais “produzindo seus próprios coveiros” (MARX, ENGELS, 2010).

Certa noção de essencialidade revolucionária em relação a classe operária (proletariado) é visível em alguns textos de Marx, sobretudo os de juventude. Na *Sagrada Família* (1845) texto escrito em coautoria com Engels, por exemplo, ele diz sobre o proletariado que: “Não se trata de saber o que este ou aquele proletário, ou mesmo o proletariado como

⁵ Sobre a Escola Inglesa, aponta o historiador José D’Assunção Barros: “Grupo de historiadores marxistas atuantes na segunda metade do século XX que revelam uma especial preocupação com a História Cultural, e que foram responsáveis por uma proposta moderna e flexibilizadora do materialismo histórico, trabalhando dentro de uma abordagem interdisciplinar e ocupando-se de novos objetos que até então eram pouco estudados pelas correntes tradicionais do marxismo” (BARROS, 2012, p. 200).

⁶ “Os alunos dos cursos de extensão para adultos nas cidades inglesas eram provenientes das classes médias baixas e dos setores de trabalho industrial e comercial mais empobrecidos” (SHUELER, 2007, p. 7).

⁷ Como aponta Gilles Deleuze: “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma” (FOUCAULT, 1979, p. 71).

⁸ Sobre isto ver: MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política: Livro I, O processo de produção do Capital*. 31ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2013. p. 220-231.

um todo, propõe momentaneamente como objetivo. Trata-se de saber o que o proletariado é o que deve historicamente realizar de acordo com seu ser” (MARX apud GORZ, 1987, p. 27, 28).

Neste sentido, o papel da classe (no caso de sua ação e movimentações) é central na obra do filósofo. Como desdobramento de um movimento econômico anterior, o capital teria transformado a sociedade polarizando-a, onde os indivíduos impelidos pela economia seriam convertidos em classe pelo determinismo econômico:

As condições econômicas, inicialmente, transformam a massa do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para esta massa uma situação comum, interesses comuns. Esta massa, pois, é já, face ao capital, uma classe, mas ainda não o é para si mesma. (MARX, 1985, p. 159).

Um dos problemas desta tese, é que os indivíduos são determinados apenas por uma única instância social (a estrutura econômica), mas como ressaltamos o autor analisa em um tempo onde as próprias situações da sociedade da época o levaram a tais conceituações. Transparece no texto, um sério peso que o autor credita a dominação do capital⁹, como um leviatã que empurra em um fluxo inexorável a subjetividade do operário à instância da classe.

Em Marx, economia e política estão unidas, tendo a primeira um papel de-

terminante na segunda¹⁰, e a classe operária teria um papel chave no processo revolucionário socialista. Dito isto, a classe e a política em Marx teriam uma relação direta (“toda luta entre classes é um luta política”), posto que a visão de Marx grandemente tenha como base a ideia hegeliana da realidade em movimento¹¹, este seria dialético e materialista, tendo por base uma visão estrutural do capitalismo.

A visão de Marx sobre a classe¹² não é bem definida e única. Ora transparece uma visão onde o econômico é determinante (a classe é para o capital), ora as classes são forjadas por meio de interesses comuns encarnados em uniões políticas entre os membros (sempre esta união pensada em oposição à outra classe), neste sentido: “Marx parece usar o termo classe com sentidos nem sempre equivalentes” (RIDENTI, 2001, p. 13). No *Manifesto Comunista* (1848), transparece a ideia de que as classes teriam uma existência antes do capitalismo, onde patrícios e plebeus, servos e senhores feudais seriam classes antagônicas¹³.

Porém, um paradoxo é visível, pois anteriormente ao texto do *Manifesto*, na *Ideologia Alemã* (1845) escrito também em coautoria com Engels, os autores apontam que a classe é fruto da burguesia: “A diferença do indivíduo pessoal em relação ao indivíduo de classe e o caráter casual das condições de vida para o indivíduo apenas se manifestam

⁹ Para Max Weber: “Chamamos ‘classe’ todo grupo de pessoas que se encontra em igual situação de classe” (WEBER, 2012, p. 199). Porém a situação não se circunscreve única e exclusivamente a instância econômica. Sobre a visão de Marx sobre a classe, Weber afirma ainda que: “O final interrompido de *O capital*, de Karl Marx, pretendia evidentemente ocupar-se do problema da unidade de classe do proletariado, apesar de sua diferença qualitativa” (WEBER, 2012, p. 201).

¹⁰ Ver: MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008. p. 47.

¹¹ Sobre o a ideia de movimento na visão de Marx ver: Op. Cit, 2009. p. 18.

¹² “Não há unanimidade entre os marxistas sobre o conceito de classes sociais, se quer sobre o seu significado dentro das obras de Marx, que jamais tratou explicitamente da questão” (RIDENTE, 2001, p. 13).

¹³ Op. Cit, 2010, p. 40, 41.

com a aparição da classe que é, por sua vez, um produto da burguesia” (MARX, ENGELS, 2007, p. 104, 105)¹⁴.

Os textos de Marx acabam transparecendo-nos que o termo classe só pode ser aplicado apenas às sociedades capitalistas, porém ele utiliza o conceito para outras formações sociais anteriores ao capitalismo. Outro ponto onde o autor também indica-nos como ele pensava as classes, suas lutas e paradoxos é: *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (1852), onde Marx traça algumas considerações sobre os “camponeses parcelheiros” franceses e sua adesão (alienada para o autor) ao Bonaparte sobrinho.

Sobre os camponeses franceses e suas uniões:

“Milhões de famílias existindo sob as mesmas condições econômicas que separam seu modo de vida, os seus interesses e a sua cultura do modo de vida, dos interesses e da cultura das demais classes, contrapondo-se a elas como inimigas, formam uma classe. Mas na medida em que existe um vínculo apenas local entre os parcelheiros, na medida em que a identidade dos seus interesses não gera entre eles nenhum fator comum, nenhuma união nacional e nenhuma organização política, eles não constituem classe alguma” (MARX, 2011, p. 142, 143).

Esta assertiva do autor torna-se paradoxal com outros textos do próprio Marx que já citamos, onde apenas a instância econômica já impelia o trabalhador à classe. Neste sentido, torna-se evidente que Marx ora autoriza (e utili-

za) o uso do conceito de classe aplicando-o unicamente ao sistema capitalista, ora ele o acopla para a análise de sociedades como a romana e a medieval¹⁵. O que nos leva a considerar, se ele faz isto apenas para demonstrar a polarização e antagonização entre as classes que seria característica de todas as formações sociais, ou que ele se furtou a uma conceitualização precisa e circunscrita sobre o conceito de classe.

A classe em Marx apesar das ambiguidades e usos distintos, tem uma conexão com a economia e a política como já demonstrado, porém esta política é orientada majoritariamente em direção à revolução socialista, onde o proletariado como classe dominante iria destruir todas as classes sociais em geral e instauraria a controversa “ditadura do proletariado”, fase intermediária entre o capitalismo e o comunismo¹⁶.

Neste sentido o papel do partido, do sindicato e de associações de trabalhadores teria papel fundamental na fermentação progressiva e com fins bem definidos da *consciência de classe* que seria necessariamente mais desenvolvida e até mais adequada devido ao trabalho¹⁷.

¹⁵ “No universo de escritos de Marx e Engels, existem textos que ora autorizam o uso generalizado de classe como categoria que pode ser utilizada para qualquer período histórico, e outros que ora sugerem a ideia de que o conceito ‘classe’ aplicaria-se mais especificamente a sociedade capitalista” (BARROS, 2011, p. 111).

¹⁶ Apesar de serem enfáticos quanto à sucessão histórica: capitalismo (revolução), socialismo e comunismo, o último não representa o “fim da história”, pois para Marx e Engels: “O comunismo não é, para nós, um *estado* (*Zustand*) que deve ser implantado, um *ideal* ao qual a realidade [haverá] de se sujeitar” (MARX, ENGELS, 2008, p. 59).

¹⁷ Neste sentido, Jean Paul Sartre argumenta: “Por exemplo, no pequeno-burguês, a consciência de classe será objetivamente vaga, obscura e nunca poderá, por razões que Lukács explica, chegar a uma verdadeira consciência de si, ao passo que o proletariado, profundamente inserido no processo

¹⁴ Ver: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: Crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner**. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Ao circunscrever a classe aos limites dado pelo econômico e pelo político e com raras exceções não dotar estes aspectos como determinantes tanto da constituição da classe e, por conseguinte da consciência de classe, Marx não credita a cultura e aos valores advindos de outras instâncias sociais uma relevância quanto às questões de classe, o que limita o seu uso no sentido de Marx para outros contextos que não os estritamente idênticos ou no mínimo mais similares possíveis no sentido econômico.

Sem dúvida que a análise de Marx sobre as classes e sobre seu desenvolvimento e condição dentro do capitalismo são valorosas. Ao demonstrar como a sociedade se divide em dois polos antagônicos e creditar a economia as principais causas da miséria humana após a Revolução Industrial, o autor contribuiu decisivamente para a construção de uma análise social sofisticada e uma crítica mordaz aos efeitos do capitalismo para os trabalhadores, sobretudo a classe operária.

O trabalho reafirma que não buscamos uma redução simplista do uso do conceito pelo autor sob o epíteto “economicista”. Mesmo tendo textos que Marx limita o uso do conceito de classe ao âmbito do econômico, ou mesmo sua dicotomia “classe em si/para-si”, deve-se ter em consideração que o uso do conceito pelo autor também é arbitrário e não sistemático e sempre com o mesmo sentido de aplicação.

A consciência de classe e o papel dos partidos, sindicatos e das “vanguardas” em geral é capital segundo Marx para que as classes atinjam um grau de consciência de si. E é na luta que a consciência de classe se estabelece, manifesta

sempre em um sentido político, de organização e mobilização para fins emancipacionistas, como mostra Marx: “Na luta, de que assinalamos algumas fases, esta massa se reúne, se constitui como classe para si mesma. Os interesses que defende se tornam interesses de classe. Mas a luta entre classes é uma luta política” (MARX, 1985, p. 159). Existe, portanto, uma interface necessária entre a formação da classe e a consciência de classe, mesmo que para o autor esta seja mediatizada majoritariamente pela questão econômica.

Thompson: O fazer-se da classe, cultura e experiência

Em *The Making of the English Work Class*, obra em três volumes publicada em 1963, Edward Thompson se propõe a analisar a classe operária inglesa entre 1790 e 1840, este período seria o período em que a classe operária inglesa teria estado presente em seu próprio “fazer-se”¹⁸, ou seja, a partir das experiências e da luta, a consciência de pertencimento teria engendrado entre os operários um sentimento de pertencimento e assim teria surgido a classe.

No prefácio ao volume I (1963), o autor indica o que pensa ser a classe e a natureza de sua formação e os desdobramentos necessários anteriores ao seu *fazer-se* que seria a tomada de consciência. Pois diferentemente de Marx, Thompson credita a consciência e não a instância econômica ou política a formação da classe, enfatizando a *experiência* e não a estrutura econômica.

Conforme Thompson:

de produção, pode ser levado pela realidade que é seu trabalho, a uma total tomada de consciência de classe” (SARTRE, 2015, p. 29, 30).

¹⁸ “A classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se” (THOMPSON, 2011, p. 9).

“Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas”. (THOMPSON, 2011, p. 9).

Neste ponto a originalidade do autor se irrompe contra as assertivas de Marx demonstradas anteriormente, e contra o estruturalismo, sobretudo do marxismo ortodoxo e da linha de pensamento de Louis Althusser (1918-1990) que Thompson iria criticar em outro ensaio¹⁹ onde o fator econômico é por si mesmo determinante para a formação da classe ao aglutinar um grande número de pessoas dentro de uma mesma posição no modo de produção.

Para o historiador inglês, a classe se forma a partir da luta de classes e não do fator econômico. E sua consciência de classe se forma a partir da própria experiência operária, de suas lutas, contradições e movimentos e não por uma força externa atuando na “vanguarda”. O autor então se põe contrário à concepção leninista-vanguardista, onde intelectuais e ou outros sujeitos ideologicamente comprometidos com a causa operária teriam o papel decisivo de “insere-rem a consciência de si” a partir de fora da experiência dos próprios operários à classe operária.

Para o autor a classe ocorre a partir de outros matizes e não apenas da estru-

tura econômica capitalista, do espaço fabril. Neste sentido ele se contrapõe a tese de Engels²⁰ onde: “Os primeiros proletários surgiram com a indústria, foram o seu produto imediato [...]” (ENGELS, 2010, p. 63). No volume II, Thompson irá contrapor-se a tese de Engels enfatizando a experiência e o sentimento de identidade e não o fator produtivo para a formação da classe operária inglesa: “Os operários, longe de serem os ‘filhos primogênitos da revolução industrial’, tiveram nascimento tardio” (THOMPSON, 1987, p. 16).

A classe não aconteceria a partir de instancias fora de sua esfera imediata, de sua experiência ao partilhar sentimentos comuns. Indiscutivelmente que o fator econômico é importante, porém o cultural é igual ou superior quando da formação da classe, “visto que a classe é uma formação tanto cultural como econômica [...]” (THOMPSON, 2011, p. 13). Mas para o historiador inglês a cultura e os sentimentos de identidade e de pertencimento a uma instancia maior que sua existência atomizada parece ter um valor mais acentuado do que o mero posicionamento num determinado ponto da produção e do modo de produção.

Se a classe não acontece quando a massa é comprimida nos estabelecimentos fabris para a produção da mais-valia

¹⁹ Trata-se de: *The Poverty of Theory*, 1978. Utilizamos nesta pesquisa a edição brasileira: THOMPSON, Edward. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

²⁰ O filósofo alemão é enfático ao dizer que: “A história da classe operária na Inglaterra inicia-se na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão” (ENGELS, 2010, p. 45). Thompson rebate igualmente: “Independentemente das diferenças entre seus julgamentos de valor, observadores conservadores, radicais e socialistas, sugeriram a mesma equação: energia a vapor e indústria algodoeira = nova classe operária. Ainda assim, não podemos assumir qualquer correspondência automática ou excessivamente direta entre a dinâmica do crescimento econômico e a dinâmica da vida social ou cultural” (THOMPSON, 1987, p. 13,15).

conforme Marx ou quando de sua entrada na produção a partir das máquinas e das fábricas como para Engels, então quando a classe acontece para Thompson?

“A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas e partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente”. (THOMPSON, 2011, p. 10).

Não é a partir do mero aspecto fabril de uma região ou do surgimento de relações de produção capitalista, conforme alguns textos dos fundadores do materialismo histórico citados apresentam, que a classe se forma, surge e acontece. Porém, conforme Thompson mesmo ressalva, ele não deseja com isto negar a condição ou a existência da classe e da exploração de classe quando estas noções de pertencimento não ocorrem:

“Mas um erro semelhante é diariamente cometido do outro lado da divisória ideológica. Sob uma forma, é uma negação pura e simples. Como a tosca noção de classe atribuída a Marx pode ser criticada sem dificuldades, assume-se que qualquer noção de classe é uma construção teórica pejorativa, imposta às evidências. Nega-se absolutamente a existência da classe” (THOMPSON, 2011, p. 10, 11).

Além da política e da economia a cultura deve ser levada em consideração para a consciência de classe, que emerge da luta de classes e é central para o autor na formação da classe como um to-

do capaz de atuar com uma identidade de interesses comuns. Todavia, estas ideias do autor são problemáticas. Pois ao rejeitar ou no mínimo por em um plano secundário o fator econômico, o autor acabou deixando de lado o movimento da produção da vida material e “[...] Thompson acaba enfatizando o aspecto político-cultural” (CARRERA, 2014, p. 144)²¹.

Parece que Thompson não credita a economia um fator tão decisivo. Fazendo-o ser acusado de “voluntarista” ao isolar a célebre passagem de Marx em *O 18 de Brumário de Luiz Bonaparte* (1852) onde o filósofo afirma que os “homens fazem a história”, se esquecendo de seu final “mas não conforme a sua vontade” (RIDENTE, 2001), outro aspecto crítico é considerar a luta de classes apenas como resultado, fator secundário e não motor e fator primordial no processo histórico da classe operária.

Não a economia e a “classe para o capital”, mas a consciência de um antagonismo é que engendra e forma as classes, no texto: *Algumas observações sobre classe e “falsa consciência”*:

“Para dizê-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como classe, vindo,

²¹ “[...] em sua exaltação da experiência Thompson deixa de lado a classe em si, pois a luta é, para ele, uma resultante e não o motor do movimento, não é causadora, mas sim consequência. A experiência que resume todas as experiências é a experiência de luta” (CARRERA, 2014, p. 147).

pois, a fazer a descoberta da sua consciência de classe” (THOMPSON, 2001, p. 278).

Apesar de uma aparente oposição neste ponto em relação à citação de Marx na *Miséria da filosofia da classe* “para o capital”, no mesmo texto de Marx existe uma similitude clara com a ideia de Thompson de que é a partir da luta que a classe se forma (apesar de Marx enfatizar mais a questão econômica e não falar em termos de experiência), afinal é na “luta que a classe se constitui” (MARX, 1985, p. 176), assim como para Thompson é com luta que a classe se faz (THOMPSON, 2001, p. 278) e não deve ser encarada como uma concepção estática e heurística (THOMPSON, 2001).

Apesar de amigo e admirador das teses de Thompson, outro historiador inglês, Eric Hobsbawm (1917-2012), afirma que:

[...] se o período que Thompson estudou é, neste e em outros aspectos, crucial para a emergência, para o ‘fazer-se’ da classe operária inglesa, Thompson me parece estar errado ao sugerir – pois ele não vai além disso – que as classes trabalhadoras do período anterior ao cartismo, ou mesmo durante este movimento, *eram* a classe trabalhadora como ela iria se desenvolver mais tarde (HOBSBAWM, 2000, p. 281).

Neste sentido, as flutuações econômicas e outras correlatas como as metamorfoses da política inglesa iriam incidir de forma mais determinante que a experiência operária estudada por Thompson no “fazer-se” do operariado enquanto classe. O que não quer dizer nem que Thompson negue a realidade opressiva do capital e nem rompa com a dialética marxista, afinal, no volume III ele afirma que: “De 1830 em diante,

veio a amadurecer uma consciência de classe, no sentido marxista tradicional, mais claramente definida, com a qual os trabalhadores estavam cientes de prosseguir por conta própria em lutas antigas e novas” (THOMPSON, 1987, p. 304).

Esta citação corrobora com a nossa visão de que Thompson e Marx não se encontram em um choque antagônico e que suas teses são de todo diametralmente opostas (porém, não existe uma similitude completa, tanto em termos de objeto como de limite epistêmico), e ao analisar o sua obra: *A Miséria da teoria* (1981) já citada se pode ver como o autor vê a experiência (central para a consciência de classe e para o “fazer-se” da classe) num sentido que guarda referência ao filósofo alemão, para Thompson:

A “experiência” (descobrimos) foi, em última instância, gerada na “vida material”, foi estruturada em termos de classe, e, conseqüentemente o “ser social” determinou a “consciência social”. La Structure ainda domina a experiência, mas dessa perspectiva sua influência determinada é pequena (THOMPSON, 1981, p. 189).

Não como uma relação de causa e efeito, economia = classe ou outros maniqueísmos e abordagens simplistas, que o historiador percebe o processo de formação, conscientização e luta de classes, não como reflexo da estrutura e muito menos pelo simples fato de pertencer a determinado setor do sistema produtivo no interior do modo de produção, mas como resultado de uma relação histórica, de determinados contextos e não como uma “coisa” advinda da economia capitalista²², por isto o autor é

²² “O fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica” (THOMPSON, 1987, p. 17).

tão lido, relido e criticado, assim como Marx igualmente.

Considerações Finais

O artigo através de uma análise bibliográfica demonstrou como o uso do conceito de classe, basilar no paradigma histórico do materialismo histórico tem um uso difuso e não sistemático nos textos de Marx, o que inviabiliza generalizações como “economicista” ou “determinista” para uso do conceito de classe por Marx, afinal, enfatizou-se o tempo do autor, seu contexto histórico e lugar de produção, além dos limites epistemológicos (no caso, leia-se a economia política inglesa, a filosofia política revolucionária francesa e o idealismo dialético hegeliano) de Marx no século XIX.

A questão econômica e a essencialidade revolucionária do proletariado são marcas determinantes dos primeiros textos de Marx quando o autor pensa a classe, respectivamente aqui *Miséria da Filosofia e Sagrada Família*, obras do chamado “Jovem Marx”, embora não concordemos com tal corte epistêmico.²³ Entretanto quando confrontados com a visão de Thompson em seu prefácio de 1963 a *The Making of the English Work Class* (3 vol.) onde o historiador inglês enfatiza a luta como produtora da consciência e esta da classe, vimos que Marx na *Miséria da Filosofia* já alude ao ponto, o que impedi argumentações que coloquem os autores em uma dicotomia (assimétrica ou não) “economicista/culturalista”.

²³ Tentar mensurar e dividir em esquemas cronológicos uma obra é sempre problemático. Em relação ao “Jovem Marx/Marx maduro”, Fernando Magalhães ressalta que: “O corte epistemológico althusseriano representa assim, graves riscos a história do pensamento” (MAGALHÃES, 2013, p. 105).

O artigo ao por uma exposição dupla sobre a abordagem do conceito entendido por Marx e Thompson deseja contribuir para reafirmar, concordando com o pressuposto de que a realidade é classista das sociedades capitalistas, buscando seja pela vertente teórica exclusivamente baseada em Marx ou em Thompson (melhor é quando as duas se aglutinam e não se excluem) estudar a sociedade enfatizando o papel das classes e da consciência de classe, da luta de classes e do papel que elas representam na história (HOBBSAWM, 2000).

As greves e os conflitos com o Estado ainda presentes na sociedade, servem para nós sermos levados a pensar como as demandas e assuntos da maior parte da sociedade (no caso os trabalhadores e não apenas exclusivamente os operários) estão em constante choque, não sentindo na realidade imediata, no cotidiano os seus interesses serem alvo de consideração²⁴ por parte da esfera política, neste sentido apenas os átomos proletários continuam estilhaçados, atomizados e assim o são continuamente mantidos por intermédio de várias medidas de alienação e submissão por parte do Estado.

Como mostramos na epígrafe do trabalho, não se trata de buscar reafirmar a existência da luta de classes, ela é presente, viva e constante, estando para além dos limites do universo fabril e da dicotomia burguês/proletário²⁵, outra

²⁴ Por isto os abalos e conflitos entre a sociedade, neste caso enfatizando os trabalhadores e o Estado. Como Aristóteles já exortava: “Quando se pretende que um Estado dure por muito tempo, é preciso interessar todas as suas partes na sua conservação e fazer com que a desejem” (ARISTÓTELES, 1998, p. 291).

²⁵ Como aponta Félix Guatarri: “A luta de classes não passa mais simplesmente por um *front* delimitado entre os proletários e os burgueses, facilmente detectável nas cidades e nos vilarejos; ela está igualmente inscrita através de numerosos estigmas

dicotomia conceitual sobre a abordagem do conceito de classe entre Marx e Thompson, estabelecendo uma hierarquia ou algo do tipo seria igualmente estanque e sem nexo para uma análise das classes sociais na contemporaneidade que cada vez mais subordina milhões ao capital, seja pelo trabalho manual ou outras formas de submissão/proletarização²⁶.

Referências

ARISTÓTELES. **A política**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História III: os paradigmas revolucionários**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARRERA, Nicolás Iñigo. *A lacuna entre E.P. Thompson e Karl Marx*. **Miolo_Rev_Critica_Marxista** - 39, 2014. p. 141-149.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GUATARRI, Félix. **Revolução Molecular: pulsões políticas do desejo**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

_____. **Mundos do Trabalho**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Ed. Porto Alegre, RS: LM&P, 2009.

MAGALHÃES, Fernando. **10 lições sobre Marx**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: Crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner**. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política: Livro I, O processo de produção do Capital**. 31ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2013.

_____. **Contribuição à crítica da Economia Política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **A miséria da filosofia**. Ed. São Paulo: Global, 1985.

RIDENTE, Marcelo. **Classes sociais e representação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

na pele e na vida dos explorados, pelas marcas de autoridade, de posição, de nível de vida; é preciso decifrá-la a partir do vocabulário de uns e de outros, seu jeito de falar, a marca de seus carros, a moda de suas roupas, etc.” (GUATARRI, 1985, p. 15).

²⁶Ver: TEIXEIRA, Francisco, FREDERICO, Celso. **Marx no século XIX**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a subjetividade?** Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SCHUELER, Alessandra Frota. *Marxismo e Historiografia no Reino de Vitória: As contribuições de Edward Palmer Thompson*. **Verinotio - Revista On-line de Educação e Ciências Humanas**. Nº 6, Ano III, maio de 2007.

TEIXEIRA, Francisco & FREDERICO, Celso. **Marx no século XIX**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

THOMPSON, E. P. **A Formação da classe operária inglesa. Vol. I. A árvore da liberdade**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **A formação da classe operária inglesa. V. II. A maldição de Adão**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A formação da classe operária inglesa. Vol. III. A força dos trabalhadores**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Ed. Campinas: Unicamp, 2001.

_____. **A miséria da teoria ou planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociedade compreensiva**. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.